

# VERGER, BASTIDE E MÉTRAUX: TRÊS TRAJETÓRIAS ENTRELAÇADAS

*Angela Lühning*

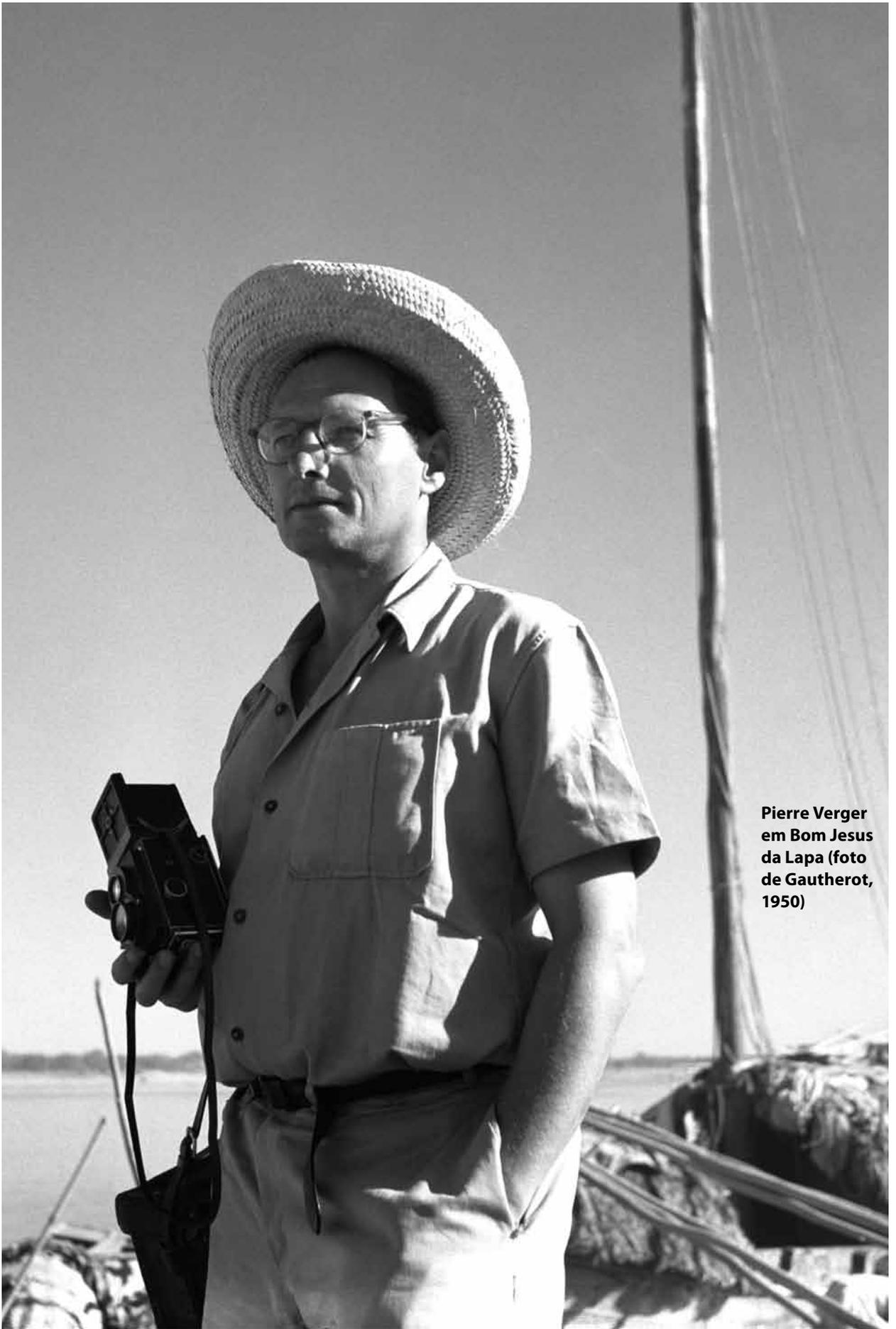
**R**oger Bastide, Pierre Verger e Alfred Métraux: três homens com origens, trajetórias e histórias muito diferentes, cada um conhecido pelas suas pesquisas sobre as culturas africanas na Diáspora e na África. Cada um tendo deixado importantes contribuições para a antropologia, a sociologia e a história do século XX, conhecidas nas suas respectivas áreas. Menos conhecidos são seus interesses em comum, criando convergências que alimentaram colaborações profissionais profícuas e amizades pessoais profundas, que permitem novas interpretações, objetivo destas reflexões.

O centro de nosso enfoque é Pierre Fatumbi Verger, no ponto de encontro entre Métraux e Bastide. As reflexões incluem a análise de vivências em pesquisas e as trocas de

correspondências que ocorreram nas décadas de amizade que se estenderam até a morte dos seus amigos, tendo sido Verger aquele que viveu por mais tempo. O lócus das reflexões é em maior parte o Brasil, mas a extensão geográfica da relação profissional e humana entre os três amigos passa por vários países, já que especialmente Verger e Métraux se deslocam com muita frequência para cuidar de seus assuntos profissionais. Isso causa tanto intensas trocas de cartas, quanto encontros mais eventuais em outras partes do mundo, embora o centro convergente seja o Brasil.

A intensidade dos contatos torna-se surpreendente, levando-se em conta que foram realizados em uma época na qual se contava para a comunicação apenas com a carta, pois a telefonia era ainda rara. Portanto, a base das amizades são as intensas trocas de correspondências entre Verger/Métraux e Verger/Bastide. O meio epistolar é usado por cada

**ANGELA LÜHNING**  
é professora de Etnomusicologia da Escola de Música da UFBA e diretora da Fundação Pierre Verger (Salvador).



**Pierre Verger  
em Bom Jesus  
da Lapa (foto  
de Gautherot,  
1950)**

Fundação Pierre Verger

um dos três tanto para dialogar sobre questões profissionais gerais e discutir questões específicas, quanto para fazer desabafo de ordem pessoal. Esse material torna-se uma das fontes principais deste texto (Métraux & Verger, 1994), além do livro *Itinéraires*, publicação póstuma com anotações pessoais de Métraux (1978) e um tanto controversa por ter sido considerada pessoal demais<sup>1</sup> e cujo impacto impediu a publicação do segundo volume, inicialmente previsto. Também foram consultados vários livros sobre Verger e Bastide (Reuter, 2000; Peixoto, 2000; Verger, 1993, 2002, 2004; Lühning, 2008; Ravelet, 1993; Le Bouler, 2002).

## OS INTERLOCUTORES EM LINHAS RÁPIDAS

Roger Bastide, de origem protestante do sul da França, o mais velho entre os três, nasceu em 1898. Sociólogo, com sólida carreira acadêmica, lecionou dezesseis anos no Brasil, na Universidade de São Paulo, entre 1938 e 1954, fato importante para a formação de muitos sociólogos e antropólogos no país. Também realizou várias pesquisas de campo, com especial interesse pela cultura afro-brasileira, que resultaram em inúmeras publicações. Morreu em 10/4/1974 na França, logo após sua última viagem ao Brasil em 1973.

Pierre Edouard Léopold Verger nasceu em 4/11/1902 em Paris. Fotógrafo autodidata, iniciou a sua itinerância após ter perdido sucessivamente todos os membros de sua família até 1932. Sua atuação dificilmente cabe em alguma categoria, pois não construiu uma carreira no senso comum. Tornou-se doutor em estudos africanos pela Sorbonne, pela modalidade terceiro ciclo, especialista em relações transatlânticas, mesmo sem formação acadêmica convencional. Optou por morar de forma definitiva em outro país e morreu em Salvador (Bahia) em 11/2/1996.

Alfréd Métraux, nascido em 5/11/1902, na Suíça, mas criado na Argentina, foi antropólogo, professor em várias universidades fora da Europa, tendo ingressado em uma carreira nas Nações Unidas, onde trabalhou a partir de

1946, primeiro em Nova York e depois, a partir de 1950, na Unesco em Paris. Seguiu, assim, uma carreira política, com intensa atuação de pesquisa com muitas publicações resultantes. Suicidou-se em abril de 1964 na Suíça.

Com Bastide e Métraux, Verger estabeleceu intensa correspondência: são 115 cartas trocadas com Métraux em dezessete anos, de 1946 a 1963, publicadas em 1994<sup>2</sup>; e com Bastide são 227 cartas em vinte e sete anos, de 1947 a 1974, com tom bastante profissional, aguardando a publicação em breve.

A relação de Verger e Métraux era mais afetiva, a ponto de se tratarem mutuamente de gêmeos<sup>3</sup> pelo fato de terem nascido quase na mesma hora – Verger no dia 4/11 em Paris e Métraux no dia 5/11 em Lausanne, com apenas cinco horas de diferença – e pelas semelhanças de suas personalidades. Porém, há também muitas diferenças: Métraux veio de sólida formação universitária, enquanto Verger foi autodidata, incansável observador do mundo do qual virou aos poucos seu descritor e escritor. É uma amizade feita por muitas cartas, encontros rápidos e algumas visitas mais longas<sup>4</sup>. A correspondência inicia-se em 1946, evidenciando em geral um tom bastante pessoal.

Em 1946, quando Verger conseguiu finalmente sua permanência no Brasil, ele também conheceu Bastide, este já residente em São Paulo desde 1938, lecionando sociologia na Universidade de São Paulo. Bastide assumira o lugar de Claude Lévi-Strauss, que tinha sido da primeira geração de professores daquela instituição, fundada em 1934. Em 1944 Bastide já tinha realizado a sua primeira pesquisa de campo em viagem pelo Nordeste brasileiro, que resultou na publicação de *Imagens do Nordeste Místico*. Esse livro emblemático foi lançado primeiro em português e, apenas muitos anos depois, em francês. As fortes impressões dessa pesquisa fizeram Bastide recomendar de forma enfática a ida de Verger à Bahia para se instalar lá. E foi a partir das observações de Verger sobre o livro que se iniciou a intensa correspondência de ambos, uma vez que Bastide pediu a seu novo amigo para apontar questões a completar.

1 Informação pessoal de Edgardo Krebs, pesquisador do Smithsonian Institut (Washington), em fevereiro de 2011.

2 *Le Pied à l'Étrier*, editado por Le Bouler, 1994.

3 "A Pierre Verger frère en Scorpion et en Guinée avec l'âmité de son marassa", dedicatória manuscrita de Métraux no livro *Le Vaudou Haïtien*, evidenciando a consideração mútua como gêmeos. "Marassa" são loas, entidades infantis haitianas de gêmeos, correspondendo aos termos "ibeji" ou "mabaco", ambos utilizados no Brasil.

4 Como exemplo cita-se o encontro de 1947 em Recife, por ocasião de uma rápida passagem de Métraux pelo aeroporto, onde os dois amigos se encontraram por poucos instantes.



**Verger em  
cerimônia  
em Ifahin  
nos anos 50**

A correspondência com Bastide à primeira vista pode parecer mais técnica do que a troca com Métraux, no sentido de discutirem amplamente temas de pesquisas, realizadas individualmente ou em parceria, que se transformaram em várias publicações em conjunto. Os encontros pessoais entre ambos também são esporádicos e em grande parte completados e/ou substituídos pelas trocas epistolares.

## **TEMAS EM COMUM ENTRE OS TRÊS**

Verger conheceu primeiro Métraux. Durante o primeiro encontro em 1935, no Musée de l'Homme em Paris, os dois perceberam logo um assunto em comum: a Po-

linésia. Ambos tinham viajado para lá, mas para lugares diferentes: Métraux, a Rapa Nui, Ilha de Páscoa, e Verger, a Rapa Iti, Taiti. Métraux também fotografava nas viagens e, através da solicitação do museu para Verger ampliar as fotos de Métraux, ambos se conheceram (Verger, 1992a, p. 175).

O segundo assunto em comum foi construído pelos dois a partir de pesquisas consecutivas e refere-se à Diáspora africana (Guiana Holandesa, Haiti e Brasil) e à África, incluindo uma pesquisa em conjunto no Daomé em 1952<sup>5</sup>. Esse assunto certamente constitui a temática central mais frutífera em relação aos resultados.

Já no contato com Bastide o assunto em comum quase exclusivo está ligado à temá-

<sup>5</sup> As respectivas fotos encontram-se no início do livro *Le Pied...* (Métraux & Verger, 1994).

**Verger e Bastide, entre dois amigos, no aeroporto de Cotonou, em 1958 (por ocasião da única viagem de campo de Bastide na África, por intermédio e com acompanhamento de Verger)**



Fundação Pierre Verger

tica afro-brasileira, com ênfase às questões religiosas, abordadas não somente em cartas, mas também nas poucas visitas de Bastide a Salvador e nas pesquisas realizadas em conjunto, além dos vários textos escritos a quatro mãos, embora nem todos publicados em vida (ver Verger & Bastide, 2002).

Serão escolhidos alguns períodos nas trajetórias entre os três personagens que representam momentos-chave para a compreensão das relações profissionais e pessoais que oferecem vários caminhos de interpretação: 1) o ano de 1948; 2) o período entre 1951 e 1953; e 3) o período entre 1957 e 1959.

Nesse recorte entrelaçam-se fases constitutivas de trajetórias institucionais, a saber: Bastide como professor da USP e, depois do

retorno à França, em 1954, como professor da Sorbonne<sup>6</sup>; e Métraux como funcionário da ONU e, mais tarde, da Unesco. O menos “comprometido” institucionalmente, aparentemente, é Verger. Seus vínculos institucionais constroem-se a partir das experiências acumuladas depois de ele ter completado 45 anos, primeiro como bolsista do Institute Fundamental da África Noire (Ifan) em Dakar, a partir de 1949, chegando ao ponto de ter sido pesquisador do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) a partir de 1962. Finalmente, antes de atingir o limite de idade de 70 anos, em 1972, ele se torna diretor do CNRS<sup>7</sup> e, no final de sua vida, professor da Universidade Federal da Bahia, a par-

6 Entre 1951 e 1954, Bastide ficava um semestre em Paris e um semestre em São Paulo, até retornar definitivamente à França no final de 1954.

7 Isso se deve à desistência da candidatura de seu amigo, o etnomusicólogo Gilbert Rouget.

tir da atuação na constituição do Museu Afro-Brasileiro em Salvador nos anos 70.

## 1948: A VIAGEM À GUIANA HOLANDESA E AO HAITI – VERGER/MÉTRAUX

Métraux esteve envolvido no Projeto Marbial, realizado desde 1948 pela Unesco na região com nome homônimo, já tendo ficado entre 1941 e 1944 várias vezes por períodos consideráveis no Haiti (Métraux, 1978, pp. 125-54). Também já tinha visitado a Guiana Holandesa em 1947 (Métraux, 1978, pp. 180-92), sempre interessado nas questões envolvendo as populações autóctones ou, então, no Haiti, as relações entre religiões africanas e questões de desenvolvimento social e econômico em relação às tradições culturais<sup>8</sup>.

A viagem de Métraux e Verger inicia-se com um encontro em Belém, de onde seguem para a Guiana Holandesa. Métraux, depois de um curto período em conjunto, segue para o Haiti, enquanto Verger fica ainda na Guiana, continuando com as suas observações fotográficas nas comunidades djuka e saramaka, de tradições oriundas da África Ocidental<sup>9</sup>. Em seguida ambos se encontram no Haiti.

Supõe-se que a participação de Verger na viagem de 1948 tenha sido motivada pela vontade de Métraux de ter documentações fotográficas mais detalhadas, confiando essa tarefa a Verger. Por outro lado, não parece plenamente convincente pensar na participação de Verger unicamente na função de fotógrafo “contratado”. Podemos inferir que tanto houve interesse da parte de Verger em conhecer as tradições locais desses países, como deve ter existido um interesse da parte de Métraux em compartilhar suas experiências caribenhas com Verger, amigo tão próximo e viajado. As pesquisas de cunho etnográfico de Verger na África iniciaram-se naquele mesmo ano.

Métraux transformou as pesquisas no Haiti em várias publicações, em especial *Le Vaudou Haitien* (1958) e *Haiti, la Terre, les Hommes et les Dieux* (1957), ambos incluindo

do fotos de Verger, embora não seja mencionada nenhuma outra parceria em relação ao tema e tampouco tenham sido citadas publicações de Verger já realizadas até aquele momento. Verger, por sua vez, só menciona essa viagem e seus resultados em *50 Anos de Fotografia* (1981), além de ter inserido informações comparativas sobre os sistemas religiosos da Diáspora em *Dieux d'Afrique* e textos posteriores, quando se refere a Cuba e ao Haiti. Assim, essa viagem deve ser considerada como marco para ações posteriores.

## ANOS 50: O PROJETO UNESCO – MÉTRAUX, BASTIDE E VERGER

Em meados de 1949, a Unesco aceitou a ideia de realizar investigações sociológicas e antropológicas no Brasil por sugestão de Artur Ramos, responsável pelo Departamento de Ciências Sociais da Unesco (Maio, 1999, p. 142) cuja direção assumira. A Unesco, como outros organismos internacionais, mostrava uma preocupação grande com a questão do racismo após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Via-se o Brasil como um país que poderia trazer importantes contribuições para a discussão do tema por considerar a sua autodefinição como democracia racial, embora se percebesse que ainda carecia de mais pesquisas para comprovar essa visão, construída em especial a partir da obra de Gilberto Freyre.

Na quinta sessão da Conferência Geral da Unesco, realizada em junho de 1950 em Florença, foi aprovada a realização da pesquisa sobre as relações raciais no Brasil. Porém, Artur Ramos tinha falecido alguns meses antes, sem que tivesse sido delineado o escopo do projeto. Métraux, com larga experiência de trabalho etnográfico nas Américas, assumira pouco antes a direção do recém-criado Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. Junto com seu assistente, o antropólogo Ruy Coelho, ex-aluno de Roger Bastide da Universidade de São Paulo, e de Melville Herskovits, da Northwestern University

8 Antes, em 1939, ficara na Argentina (Métraux, 1974, pp. 31-2), casado em segundas núpcias com Rhoda, aluna e amiga de Margaret Mead.

9 Em 1950, Bastide comenta com Verger que tinha sido convidado por Métraux a pesquisar com ele na Guiana Holandesa, o que recusa por vários motivos, inclusive por considerar muito perigoso, pedindo conselho a Verger (carta de 29/9/1950).

10 Na visita em 1950 os dois amigos acompanham ao interior do estado da Bahia os jovens antropólogos americanos ligados ao projeto Unesco, Bill Hutchingson, Marvin Harris e Bem Zimmermann.

11 A visita de Métraux em 1950 é mencionada também por Wagley na introdução do livro *Race and Class in Rural Brazil* (1952).

12 Curiosamente, há uma discussão profunda sobre questões raciais e preconceito na correspondência com Bastide, iniciada por este em 29/9/1950, ao comentar que estava iniciando um projeto com a participação de negros e brancos para trabalharem juntos sobre problemas envolvendo a população negra. Fica evidente a visão de Verger de que a força da religião seria um fator importante nessa discussão. Além disso, Bastide anuncia que Métraux deve representar o projeto da Unesco no Brasil. Em seguida propõe a Verger a elaboração de um texto sobre a vida cotidiana da população negra em Salvador, especificamente na Liberdade. Verger, por razões desconhecidas, não chega a responder.

13 Talvez por questões religiosas, Verger não queria assumir a co-autoria desse texto, publicado no volume de *Les Afro-Américains* (1953), organizado por ele, preferindo assumir a co-autoria de outro texto, "Contribuição ao Jogo da Adivinhação no Salvador, Bahia" (1953).

14 Carta de Verger de 12/4/1953, em que fala do "renascimento" através da iniciação que o tornaria

(EUA), tornou-se responsável pela coordenação do projeto de pesquisa da Unesco a ser realizado no Brasil (Maio, 1999, p. 142).

Logo em seguida ocorreu a inserção do antropólogo Charles Wagley e outros pesquisadores americanos no projeto ainda em construção, a partir de um convênio entre a Columbia University e o estado da Bahia, sob a coordenação de Anísio Teixeira, secretário de Educação do governo Otávio Mangabeira, com a participação do pesquisador Thales de Azevedo. Assim foi construído o formato mais amplo do projeto, que, além da Bahia, previa incluir também São Paulo e cidades menores do interior da Bahia para poder comparar as várias observações. No final de 1950, Roger Bastide é incluído no projeto, que ganha assim os seus contornos definitivos (Maio, 1999, pp. 144-5).

No mesmo final de ano, Métraux vem ao Brasil para acompanhar o projeto e, nessa ocasião, tanto visita seu amigo Verger, quanto tem contato com os colegas em São Paulo. Métraux e Verger encontram-se em 1950 em Salvador (Lühning, 2008, p. 177), embora não haja registro nem em *Itinéraires*, nem nas cartas, mas indicações indiretas em anotações pessoais de Verger<sup>10</sup> e nas anotações abundantes em *Itinéraires* de 1951. Nessas notas Métraux menos comenta as questões relativas à execução do projeto Unesco do que detalha as visitas às casas de candomblé, junto com Verger, que constituem um dos temas principais de suas anotações. Além disso, faz várias observações sobre relações raciais ao mergulhar no cotidiano das ruas da cidade (Métraux, 1978, pp. 318-28), certamente como reflexo da temática central trabalhada pelo projeto. A sua atuação parece refletir mais uma pesquisa pessoal do que uma agenda de trabalho institucional<sup>11</sup>.

Mesmo que esse tenha sido o único período durante o qual os três amigos estiveram, teoricamente, envolvidos no mesmo projeto de trabalho, no material epistolar disponível há poucas referências a questões práticas ou teóricas da proposta, a não ser alguns comentários sobre acontecimentos inesperados, tratados em tom de confidencialidade (Lühning, 2008, p. 178)<sup>12</sup>.

Em 1951, Verger ainda recebe Bastide por um mês para uma visita de campo em Salvador. Pela primeira vez eles se encontraram em Salvador, uma vez que na viagem anterior de Bastide, em janeiro-fevereiro de 1949, Verger estava na África. Durante esse período os dois amigos tiveram a oportunidade de participar de vários *axexês*, rituais mortuários existentes nas várias tradições religiosas afro-brasileiras. Por acaso havia três dessas cerimônias acontecendo nas casas que ambos estavam frequentando havia algum tempo e com as quais tinham estabelecido vínculos mais diretos e espirituais. Essas visitas levaram a publicações posteriores: "L'Áxexê" (1953), indicando apenas a autoria de Bastide, mesmo tendo como base extensas descrições de Verger, passadas por carta, além de incluir uma contribuição de Métraux de sua viagem à Bahia em 1951. Isso mostra que Bastide<sup>13</sup>, além do projeto Unesco, manteve paralelamente ainda outras pesquisas que, inclusive, levaram a publicações posteriores.

O mesmo vale para Métraux, que parte em 1952 para uma viagem de pesquisa à África, onde se encontra com Verger no Daomé, extensamente documentada em sessenta páginas, em *Itinéraires* (1958, pp. 403-65), relativas às cinco semanas de estadia (de 10/12/1952 a 19/1/1953), assim representando o maior volume de anotações realizadas durante todas as suas várias viagens em caráter de pesquisa de campo, documentadas em *Itinéraires*. Parece se tratar do ponto alto das possibilidades de fechar observações sobre a temática das relações África-Diáspora, iniciada com as pesquisas anteriores no Haiti e na Guiana Holandesa. As visitas a vários locais são numerosas, as participações em rituais também, e o detalhamento de informações sobre as observações surpreende o leitor.

É interessante ressaltar que Verger, em seguida, passa pelo processo de iniciação no culto de Ifá, tornando-se babalaô e recebendo o nome de Fatumbi, assunto abordado nas correspondências e certamente comentado em sua passagem posterior por Paris (18/6 a 18/7/1953) nos vários encontros com Métraux ao retornar do Daomé.

Métraux, como amigo muito próximo, parece ter sido um dos primeiros a receber as notícias sobre esse fato por carta<sup>14</sup>, em seguida também comentadas com Bastide<sup>15</sup>.

O projeto Unesco, afinal, leva a várias publicações. Entre as principais devem ser citadas *Race and Class*, de Wagley (1952), e *As Elites de Cor*, de Azevedo (1953), ambos com fotos de Verger (Lühning, 2008, p.174). A finalização da participação de Bastide no projeto é interrompida pelo seu retorno à França no final de 1954, assumindo sua carreira na Sorbonne e preparando a sua *these d'état*, certamente atrasada pelo seu empenho no projeto Unesco, que resultou em várias publicações, especialmente em *Branços e Negros em São Paulo*, publicado em conjunto com Florestan Fernandes, em 1955.

Ao retornar à França, Bastide encontra um país modificado: desde a sua saída nos anos 30 o clima intelectual tinha passado por profundas mudanças, uma vez que a França encontrava-se em pleno processo de descolonização. Isso levou muitos estudantes africanos às universidades francesas, provocando novos desafios para a sociedade francesa da época, o que fez com que a Unesco se dirigisse a Bastide, solicitando que ele levantasse dados sobre essa realidade, continuando, de certa forma, com os estudos sobre questões raciais no Brasil (Reuter, 2000, p. 306). Além disso, Bastide prepara o seu livro *O Candomblé da Bahia*, publicado em 1958, com um agradecimento especial a Verger na introdução<sup>16</sup>.

### 1957-1959: CUBA – MÉTRAUX/VERGER E ÁFRICA/BRASIL – VERGER/BASTIDE

Enquanto Métraux segue com vários projetos<sup>17</sup>, preparando muitas publicações, entre outras as sobre o Haiti, além de artigos no *Unesco Courier*, às vezes acompanhadas por fotos de Verger, este começa a mergulhar nas suas pesquisas. Por causa de sua intensa pesquisa para a publicação *Notes sur les Cultes des Orixás et Vodouns...*, Verger fica um tempo em reclusão em Gorée, sem responder às

cartas de Métraux, o que causa um profundo descontentamento em Métraux, a ponto de ele se queixar em setembro de 1955 sobre o diálogo interrompido<sup>18</sup>. Nas correspondências do período parece que Métraux está sonhando com o retorno à Bahia, também para encontrar o amigo, enquanto Verger ainda finaliza o seu primeiro trabalho de pesquisa, *Notes sur les Cultes...*, publicado só em 1957<sup>19</sup>.

Talvez em decorrência da experiência de “clausura”, precisando novamente sentir a liberdade das viagens, em 1957 Verger volta a trabalhar para a revista brasileira *O Cruzeiro*, dessa vez para *O Cruzeiro Internacional*, iniciando um longo período de viagens do Caribe à África, apostando, pela primeira vez na sua carreira como repórter fotográfico, na capacidade de escrever também os textos. Muitas das reportagens realizadas no período desse contrato, cerca de oitenta, são realizadas por ele em foto e texto e algumas outras em parceria com jornalistas locais, entre Cuba, México, etc. Durante o seu contrato com a revista, Verger chega a Cuba em maio de 1957, enquanto Métraux menciona ter finalizado seu livro sobre o Haiti (Métraux & Verger, 1994, p. 247), marcando finalmente um encontro com o amigo em Cuba.

Os dois se encontram de fato, embora não se saiba muitos detalhes, a não ser do encontro com Lydia Cabreira (foto em *Le Pied*) e da publicação posterior do livro *Cuba* (1959). Em agosto Verger já está no México (Métraux & Verger, 1994, p. 249), seguindo o seu propósito de realizar inúmeras reportagens sobre vários países, com temas escolhidos por ele e, em maior parte, com textos também escritos por ele, o que constitui uma nova fase na sua atuação<sup>20</sup>. Seguindo do Caribe à África, onde chega no início de 1958, Verger desenvolve uma agenda de reportagens que mostram temas pouco comuns para a época (Verger, 2004), abordando a nova situação política dos estados africanos após sua independência, incluindo a economia e a cultura africanas.

Em 1958 Verger recebe Bastide para sua primeira e única pesquisa de campo na África, pois, como Verger diz, com uma ponta de ironia, até então Bastide só tinha ido à África

cinquenta anos mais novo, assim aludindo a temas constantes entre ambos – a preocupação com o envelhecimento e a morte –, comentados por Verger em *50 Anos de Fotografia*.

15 A carta a Bastide de 16/4/1953 é completamente diferente no estilo, dando inúmeros detalhes dos rituais observados e vividos por Verger, sendo, digamos, mais “etnográfica”.

16 “[...] A publicação que acreditamos próxima não nos fez abandonar nosso trabalho, pois o livro de Pierre Verger se dirige a outro aspecto, diferente do que estudamos nestas páginas [...]. Queremos aqui agradecer-lhe o auxílio amigoso que nunca deixou de trazer ao nosso trabalho”.

17 Entre outras questões, Métraux aventa a possibilidade de vir ao Brasil para ficar com os índios xavantes no Xingu, e passar na Bahia, o que parece não ter acontecido, embora tenha passado no Rio em fevereiro de 1954, quando Verger estava na África, em Gorée.

18 De fato, desde 1953 quase todas as cartas são dele, e Verger envia só uma por ano.

19 Métraux escreve que a Bahia sem Fatumbi não tem a mesma graça e diz esperar poder ir ao Brasil no final do ano de 1956, esperando encontrar Fatumbi para comer comidas típicas no Pelourinho (Métraux & Verger, 1994, p.233).

20 Em seguida Métraux menciona a tentativa de suicídio do amigo comum, Leiris (Métraux & Verger, 1994, p. 252).



Fundação Pierre Verger

### Bastide em Ilesa, Nigéria, 1958

21 A tese é composta por duas partes: *Les Religions Africaines au Brésil e Le Candomblé de Bahia*.

22 Anteriormente, em 1948, a reportagem intitulada "Candomblé", realizada por Bastide e Verger, tinha sido publicada na revista *A Cigarra*, ligada ao mesmo império de comunicação ao qual pertencia *O Cruzeiro*, os Diários Associados.

23 Verger realiza, nesse período, em dezembro de 1958, uma gravação de música de candomblé com os participantes da Casa de Oxumaré, que levou mais de cinquenta anos para ser publicada (Lühning, 2010).

para congressos, sem nunca ter tido contato direto com africanos e suas culturas (Verger, 1993, p. 30). Essa viagem, que ocorreu após a defesa da *these d'état* de Bastide<sup>21</sup>, estende-se por 72 dias, um período considerável, durante o qual Bastide, como Métraux em 1952, viu locais diversos, visitou várias cerimônias e conheceu muitas pessoas, mergulhando na experiência de vivenciar os locais de origem de várias das tradições estudadas no Brasil nos anos anteriores. Os dois amigos prepararam várias reportagens em conjunto, encaminhadas para a revista *O Cruzeiro*, porém sem nunca serem publicadas<sup>22</sup>. Assim, esse material teve o mesmo destino da maior parte das reportagens encaminhadas por Verger durante a vigência do segundo contrato, pois, independente da autoria do texto ou do assunto tratado, a revista

só publicou três das reportagens realizadas por Verger entre 1957 e 1960 (com os temas: Hemingway, moda africana e astecas). Isso representa um quadro bem diferente do de seu primeiro contrato com a revista *O Cruzeiro* (1946 a 1951), quando, dos quase 120 artigos enviados, cerca da metade foi publicada. Isso evidencia que o projeto conceitual de Verger, de mostrar ao público brasileiro a África moderna nas suas diversas faces, política, cultural e econômica, não foi aceito pela redação.

Após o retorno de Verger à Bahia no final de 1958<sup>23</sup>, ainda houve um encontro rápido com Métraux em Salvador, em março de 1959. Esse encontro parece ter sido o último no Brasil entre os dois amigos. Nesse período se dá também o desentendimento definitivo com a revista *O Cruzeiro*.

Já os contatos presenciais entre Bastide e Verger são completados, depois do encontro na África, em 1958, ainda por duas curtas estadias de Bastide na Bahia, em setembro de 1962 e agosto de 1973, poucos meses antes da morte de Bastide, ainda trocando ideias decorrentes dos temas abordados anteriormente, como questões do sagrado, do imaginário e da saúde mental.

## DISCUSSÃO

Cabe nesta discussão abordar os temas transversais e as circunstâncias mais detalhadas das relações profissionais e pessoais dos três personagens principais. É importante ressaltar que ambos os interlocutores de Verger, tanto Métraux quanto Bastide, conheceram muitos de seus amigos baianos e vários dos seus amigos africanos no Daomé e na Nigéria, bem como Verger compartilhou grande parte do mundo dos colegas intelectuais parisienses em torno do Musée de l'Homme, da Sorbonne e da Unesco. São mundos entrelaçados, embora não congruentes. Parece que a frutífera colaboração e a produção intelectual dos três se dão pelo interesse em comum que é nutrido pelo mais profundo respeito às diferenças de personalidade, opções de vida e preferência de convivência com grupos sociais distintos.

Entre os temas trabalhados em conjunto, um dos assuntos que parece ter interessado Métraux e Verger foram as tradições religiosas em relação aos hábitos de trabalho e as transformações sociais em decorrência das relações de grupos sociais, o que se vê nas reflexões em imagem e texto sobre os “combites” no Haiti e os mutirões de trabalho no Daomé. O mesmo assunto também entrou nos temas abordados por Bastide e Verger em relação aos mercados iorubás (Verger & Bastide, 2002). Já Verger ressaltou, em alguns artigos posteriores à viagem em conjunto com Métraux, questões concernentes às várias ligações históricas entre a cultura fon do Golfo do Benin e algumas regiões na Diáspora, como o culto aos voduns no Maranhão, no Brasil<sup>24</sup>. Uma abordagem mais

ampla, junto com Métraux, não aconteceu, embora Métraux tenha trabalhado várias vezes sobre o Haiti e as questões históricas e sociais diretamente ligadas às tradições do mundo religioso dos voduns.

Além disso, chama a atenção que Métraux não tenham publicado nenhum texto sobre a sua estadia na África, tão amplamente discutida em *Itinéraires*, ou sobre qualquer assunto ligado à África e as tantas possíveis ligações com as suas pesquisas anteriores no Haiti. Porém, é mais do que razoável presumir que Métraux teve a intenção de transformar as suas observações em alguma publicação, sendo impedido por sua morte precoce. Uma averiguação criteriosa em correspondências com outros colegas e amigos talvez possa dar pistas sobre essa questão, algo impossível no recorte deste trabalho, com uma proposta mais preliminar.

O comprometimento pessoal com causas específicas, que, para Métraux, foi uma bandeira de ação em torno do trabalho com direitos humanos, para Verger torna-se, no final dos anos 50, uma ação frustrada devido à não aceitação dos seus artigos sobre contextos sociais e políticos africanos contemporâneos pela revista *O Cruzeiro*. Mas, de certo modo, esse seu engajamento foi transformado em pesquisas subsequentes ao trazer novas informações sobre o tráfico de escravos na sua tese *Fluxo e Refluxo* e ao trabalhar sobre trajetórias de vidas de pessoas que conheceu pessoalmente ou pesquisou em *Os Libertos* (1992).

Em relação a Bastide deve ser ressaltado que, apesar de não ter publicado nenhum texto específico sobre as suas pesquisas na África, há os textos realizados em parceria com Verger que aprofundam as questões observadas e pesquisadas durante o período da viagem, que vão de assuntos ligados à religião, questões sociológicas do contexto urbano, a questões de trabalho<sup>25</sup>. Eles dão continuidade a textos anteriores escritos em parceria com Verger como “Pesca na Bahia”, “Contribuição ao Estudo da Adivinhação em Salvador”, “Lavagem de Contas”, “Axexé”, e outros<sup>26</sup>.

Apesar de suas intensas pesquisas e publicações subsequentes, Verger por vezes foi

24 Esse tema foi abordado em três artigos sucessivos conforme o avanço dos dados da pesquisa de Verger até encerrar a temática em Verger (1990).

25 Ver os demais textos em Verger & Bastide (2002).

26 No final da vida de Bastide, talvez, devido à distância do Brasil, os temas de seus textos já se deslocaram para questões mais abrangentes e gerais, como a loucura, o sagrado, etc.

– e ainda hoje é – visto por vários acadêmicos como pesquisador autodidata ou essencialista, apenas ligado à fotografia. Mas, especialmente para Bastide, ele representava um interlocutor privilegiado, um mentor e guia para dirimir dúvidas e discutir questões de pesquisa, importantes para a finalização de vários de seus trabalhos sobre a temática afro-brasileira. Verger discute com ele as questões em aberto, algo que na correspondência com Métraux não acontece com a mesma intensidade. Verger abandona aos poucos o papel inicial do conselheiro, quase *ghostwriter*, sem dar importância a sua participação autoral, para tornar-se coautor de vários textos, especialmente em parceria com Bastide, até assumir o papel do autor principal em outras publicações posteriores<sup>27</sup>.

Verger de fato começa a mergulhar de forma mais profunda no mundo da pesquisa acadêmica em um momento muito tardio, abrindo-se para novos procedimentos e temas e aproximando-se do mundo intelectual acadêmico, no qual ele entra com a defesa de sua tese em 1966, portanto, já depois da morte de Métraux e poucos anos antes da morte de Bastide. Quer dizer, quando seus amigos estão chegando ao fim de seus caminhos institucionais, embora profissionalmente ainda muito ativos, mesmo tendo sofrido diversos desgastes devido às amarras burocráticas dos seus ofícios, Verger está apenas iniciando os seus contatos com esse mundo, com mais de 60 anos.

Como já foi colocado anteriormente, Verger escreveu muito mais em parceria com Bastide do que com Métraux, embora parte dessa produção não tenha sido publicada em vida por nenhum dos dois. Por que será que teve mais trocas profissionais com Bastide do que com Métraux? Uma hipótese poderia ser a de que os assuntos abordados em conjunto com Bastide expressem maior concentração de textos ligados ao Brasil, inclusive com várias publicações em português, como já foi apontado. Talvez devido ao seu cargo em uma instituição de ensino Bastide tenha se preocupado em publicar mais em português em diferentes meios e formatos durante toda a sua

permanência no Brasil. Já a produção intelectual de Métraux, curiosamente, não inclui publicações em português, nem quando trata dos grupos indígenas brasileiros<sup>28</sup>. Assim, a sua produção tem um caráter de inserção mais internacional em detrimento da inserção de sua obra de forma mais acentuada no Brasil.

Por sua vez, o recorte dos trabalhos resultantes do Projeto Unesco era centrado em questões que Verger nunca abordou, mantendo até o final de sua vida a sua visão particular de uma convivência mais tolerante na Bahia, embora não tenha compartilhado do mito da democracia racial, tampouco se debruçado sobre discussões específicas sobre as desigualdades sociais ou raciais. Talvez pudéssemos considerar que Verger teve um jeito particular de trabalhar essas questões como, por exemplo, no livro *Os Libertos* (1992), no qual apresenta trajetórias de sujeitos integrados em vários contextos religiosos e sociais. Verger entendia o empoderamento das pessoas através da religião de matriz africana como força motriz para a inserção do negro na sociedade. De certa forma, ele acreditava na necessidade de ressaltar possibilidades de superação a partir da força da religião e da cultura, capaz de construir novos caminhos que pudessem evitar o conflito<sup>29</sup>.

Sugiro como linha interpretativa que, a partir de sua vida ao longo dos anos, com a oportunidade de convivência com pessoas de todas as classes sociais, Verger tenha sido visto sempre como um forasteiro para os que o olharam de forma superficial, e até uma pessoa sem pertencimento claro a uma classe social definida. Essa indefinição, proveniente da diversidade de vivências, em geral com um estilo de vida muito simples e despojado, permitiu-lhe um olhar e uma percepção próprios que talvez não pudessem ser aceitos facilmente por representantes de classes sociais definidas por interesses e medos próprios. Tudo deixa a crer que Verger tenha se distanciado desse tipo de preocupação por ter passado por todos os estágios de posses materiais – do ter ou não ter – e de dúvidas existenciais – do ser ou não ser –, sendo aceito ou não pelos seus feitos, empenhando-se em “intercâm-

27 Os comentários de Métraux sobre a defesa da tese de Bastide em 1958 são ilustrativos nesse sentido. Segundo Métraux, que presenciou a defesa, Verger foi mencionado inúmeras vezes durante a defesa como o especialista sobre o assunto tratado por Bastide, o que trouxe para Verger o compromisso de dar as suas contribuições ao tema.

28 A exceção parece ser uma tradução feita por Estêvão Pinto: “A Religião dos Tupinambás e Suas Relações com a das Demais Tribos Tupi-guaranis” (1950).

29 Nesse sentido precisa ser ressaltado que Verger não alcançou a situação atual de convivência tensa e conflituosa entre as religiões evangélicas e as de origem africana na Bahia e no Brasil, o que talvez o tivesse levado a novas interpretações.



**Métraux (à direita)  
e Vivaldo da  
Costa Lima  
no terreiro Ilê  
Axé Opô Afonjá  
(Salvador,  
anos 50)**

bios” entre mundos sociais e culturais que em geral não se percebiam e não se conheciam.

É importante lembrar que Verger passou por todos os estratos sociais: de oriundo de uma família bem situada em Paris, cujos negócios depois foram à falência, a fotógrafo autodidata, inicialmente desconhecido, que vivia de seus parcos rendimentos, e amigo de pessoas desconhecidas e de pessoas bem situadas, a ponto de se tornar bem conhecido profissionalmente, não pelo seu nome de família, nem pelo seu título ou por seu cargo, mas sim pela liberdade com que conseguiu construir esse caminho de vida atípico, despreocupado com o *mainstream* acadêmico e artístico ou

com as regras sociais vigentes na sua época.

Foram certamente o despojamento, o não convencional de sua trajetória e a construção de opiniões a partir de vivências e experiências próprias, provavelmente não influenciadas por obrigações e opiniões institucionais, que tornaram Verger um interlocutor privilegiado na visão de seus dois amigos, construindo, cada um, em conformidade com a sua personalidade, completada por aquela de Verger, seus diálogos pessoais e epistolares com estilos tão diferentes. Assim, as correspondências e as trocas profissionais de Verger com esses dois amigos (e outros) abrem portas para a necessidade

e possibilidade de uma análise mais detalhada desses estilos de escrita que, afinal, revelam o tempo todo traços biográficos e autobiográficos dos seus emissores e permitem contribuições importantes para o cenário das ciências sociais de seu tempo.

Chama a atenção também o fato de que todos os três correspondentes só falam eventualmente sobre sua vida pessoal, familiar ou sentimental, embora haja esporadicamente alusões a questões mais pessoais, especialmente na correspondência com Métraux. Quais as razões para isso, não se sabe, embora uma das hipóteses pudesse ser questões de gênero e de educação familiar daquela geração. De qualquer forma, há algumas exceções, como as colocações sobre o medo da velhice, a tendência a ideias suicidas<sup>30</sup>, referências à depressão de Métraux, o cansaço de Bastide com o mundo acadêmico e de Métraux com o mundo das instituições políticas, e, em decorrência disso, a eterna admiração pela suposta liberdade de Verger. Nesse sentido Verger torna-se o *alter ego* dos dois amigos, que enxergam nele tudo aquilo que gostariam de fazer ou de ter feito. Nisso se inclui provavelmente também a forma particular de Verger trabalhar com questões metodológicas e teóricas, muito pautado na observação e vivência, sem as amarras dos compromissos e códigos acadêmicos por vezes exacerbados.

Portanto, chegamos, ao final desta discussão, a um paradoxo: Métraux, a pessoa

que provavelmente tenha sido uma das mais próximas de Verger no grupo dos seus amigos franceses antropólogos, do qual, além de Bastide, ainda faziam parte Theodor Monod, Michel Leiris, André Schaeffner, Gilbert Rouget<sup>31</sup> e outros, realizou menor número de trabalhos profissionais com ele do que com os demais amigos com os quais teve, aparentemente, relações menos afetivas. Devido a questões puramente pessoais, os vários projetos realizados por Métraux e Verger não renderam os mesmos frutos que os da – humanamente mais detida, mas profissionalmente riquíssima – relação de Bastide e Verger.

Isso traz a certeza de que uma atenta comparação das correspondências aqui observadas de forma preliminar ainda pode trazer surpresas em relação aos momentos de intervalos, das pausas nos diálogos que às vezes acontecem com um dos correspondentes em dado período, mas não com o outro, talvez em decorrência do amadurecimento de questões em andamento no plano das ações pessoais de cada um. Assim se lança como desafio futuro a necessidade de se trabalhar de forma mais consistente e regular com correspondências e seu enorme potencial autobiográfico e biográfico na antropologia e nas ciências sociais de forma geral, possibilitando outras linhas de interpretação além daquilo que os textos publicados pelos autores em geral nos permitem enxergar.

30 Além do anteriormente mencionado relato de Verger, existe um artigo de Métraux intitulado "La Vie Finit-elle a Soixant Ans", de 1963, publicado no *Unesco Courier*, evidenciando reflexões e sentimentos profundos (e inconsoláveis) de Métraux.

31 O responsável pelo interesse de Verger por questões musicais e suas documentações.



## BIBLIOGRAFIA



- AZEVEDO, Thales de. *Les Élités de Couleur dans Une Ville Brésilienne*. Paris, Unesco, 1953.
- BASTIDE, Roger. *Le Candomblé de Bahia*. Paris, Mouton & CO, 1958.
- LE BOULER, Jean-Pierre. *Pierre Fatumbi Verger – Um Homem Livre*. Salvador, Fundação Pierre Verger, 2002.
- LÜHNING, Angela. "Pierre Verger e o Projeto Unesco", in L. Sansone e Claudio Pereira (orgs.). *O Projeto Unesco no Brasil 50 Anos Depois*. Salvador, EDUFBA, 2008, pp. 173-84.
- \_\_\_\_\_. "Sivanilton Encarnação da Mata", in *Casa de Oxumaré. Os Cânticos que Encantaram Pierre Verger*. Salvador, Vento Leste, 2010.
- MAIO, Marcos Chor. "O Projeto Unesco e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, n. 41, 1999, pp. 141-56.

- MÉTRAUX, Alfred . "Bibliographie", in Claudio Tardis (org. ). *L'Homme*, tomo 4, nº 2 , May-Aug./1964, pp. 49-62.
- \_\_\_\_\_. *Itinéraires 1 (1935-1953)*. Org. André-Marcel d'Ans. Paris, Payot, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Haiti, la Terre, les Hommes et les Dieux*. Neufchâtel, A la Baconnière, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Le Vaudou Haitien*. Paris, Gallimard, 1958.
- MÉTRAUX, Alfred; VERGER, Pierre. *Le Pied à l'Étrier. Correspondance 1946- 1963*. Org. Jean-Pierre Le Bouler. Paris, Jean Michel Place, 1994.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos Brasileiros – Uma Análise da Obra de Roger Bastide*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000.
- RAVELET, Claude. "Corpus Roger Bastide", in *Bastidiana – Cahiers d'Études Bastidiennes*, 1993.
- REUTER, Astrid. *Das wilde Heilige – Roger Bastide (1898-1974) und die Religionswissenschaft seiner Zeit*. Frankfurt/Nova York, Campus Verlag, 2000.
- VERGER, Pierre. *Dieux d'Afrique*. Paris, Paul Hartmann Éditeur, 1954.
- \_\_\_\_\_. "Trente ans d'Amitié avec Alfred Métraux, mon Presque Jumeaux", in *Présence d'Alfred Métraux*. Paris, 1992, pp.173-191.
- \_\_\_\_\_. "As Múltiplas Atividades de Roger Bastide na África (1958)", in *Revista USP*, nº 18. São Paulo, CCS-USP, 1993, pp. 30-9.
- \_\_\_\_\_. *Os Libertos*. Salvador, Corrupio, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Pierre Verger: Repórter Fotográfico*. Org. Angela Lühning. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. "Uma Rainha Africana Mãe de Santo em São Luís", in *Revista USP*, nº 6. São Paulo, CCS-USP, 1990, pp. 151-8.
- VERGER, Pierre; BASTIDE, Roger. *Verger – Bastide. Dimensões de uma Amizade*. Org. Angela Lühning. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- WAGLEY, Charles. *Race and Class in Rural Brazil*. Paris, Columbia University/Unesco, 1952.